

Japoneses são o próximo alvo

O “bolo” dado pelo secretário Especial de Política Econômica, Antônio Kandir, a autoridades japonesas no início de fevereiro, não prejudicou o relacionamento brasileiro com o Japão. Quem garante isso é o diretor-adjunto da Secretaria de Planejamento, Jorge Fagali Neto. Na época, uma missão nacional iria ao Japão, chefiada por Kandir, mas foi sem ele, que ficou para preparar e colaborar na condução inicial do Plano Collor II.

“Os japoneses tinham a expectativa de conhecê-lo, pois sabem que foi um dos principais idealizadores do plano econômico. Entretanto, o fato de ele não ter ido não prejudicou as negociações possíveis de serem concluídas”, diz Fagali.

“O Brasil resolveu no Keidanren (a poderosa federação das indústrias dos japoneses), as pendências relativas às empresas com capital nipo-brasileiro como a Usiminas, Skawaghima e Ishibrás, na primeira etapa. Nas segunda e terceira fases, junto ao governo japonês, solucionamos um empréstimo de 500 milhões de dólares para os próximos meses e encaminhamos a negociação de mais um bilhão de dólares”, relata.

“Na quarta etapa, por isso a deixamos por último, não havia como encontrar solução. Os

bancos privados estavam interessados em pressionar um acordo em Nova Iorque a respeito dos juros atrasados. Apesar de sabermos disso, não seria político deixar de conversar com eles. Portanto, o Brasil não deixou de resolver problemas pela ausência do doutor Kandir”, garante Fagali.

Projeto — Fagali não arrisca-se a prever quando o Brasil vai voltar a receber mais empréstimos do que remeter dinheiro para o exterior. “Nesse sentido não é importante apenas o acerto do pagamento da dívida, mas a implementação de várias medidas do Projeto de Reconstrução Nacional, o Projeto, que tornarão o País mais atraente ao capital estrangeiro”, explica.

“Nesse trabalho, temos que estar atentos a todos os aspectos envolvidos, especialmente quanto à atração de investimentos. Uma negociação malconduzida no âmbito empresarial, por exemplo, certamente repercute em outros setores. Basta lembrar a pressão forçada pelos bancos privados estrangeiros no âmbito do BID”, avalia.

A situação brasileira no mercado de empréstimos internacionais não é boa. O Brasil está atrás, segundo empresários estrangeiros, de Indonésia, Malásia, Tailândia, Coreia e outros. Na visão política, Estados Unidos e Japão privilegiam o Oriente Médio e a Europa Oriental, regiões estratégicas com a queda do Muro de Berlim e a recente invasão do Kuwait pelo Iraque.